



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ALINE FERREIRA DE MACÊDO SILVA

O CURRÍCULO ESCOLAR: POR UMA ESCOLA ABERTA E PLURAL

**GUARABIRA - PB
2016**

ALINE FERREIRA DE MACÊDO SILVA

O CURRÍCULO ESCOLAR: POR UMA ESCOLA ABERTA E PLURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Área de concentração: Humanas

Orientadora: Dr^a. Mariangela de Vasconcelos Nunes.

GUARABIRA - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Aline Ferreira de Macêdo
O currículo escolar: [manuscrito] : por uma escola aberta e plural. / Aline Ferreira de Macêdo Silva . - 2016.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes,
Departamento de História".

1. Multiculturalismo. 2. Currículo. 3. Relações étnico
raciais. I. Título.

21. ed. CDD 370.117

ALINE FERREIRA DE MACÉDO SILVA

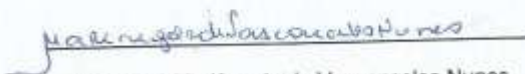
O CURRÍCULO ESCOLAR: POR UMA ESCOLA ABERTA E PLURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

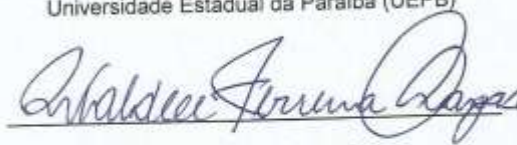
Área de concentração: Humanas

Aprovada em: 23/05/2016.

BANCA EXAMINADORA


Profª. Drª. Mariângela de Vasconcelos Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Drª. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a meu Deus, digno de toda honra e glória, a minha mãe, Francisca, razão do meu viver, e a minha orientadora, Mariangela, por toda dedicação e paciência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cada um que citarei abaixo, todos sempre serão importantes para mim, me fizeram ser o que sou hoje, uma aluna, professora e humana. Espero não se esquecer de nenhum.

Obrigada a Deus, por ter me dado a vida, e por sempre se fazer presente em minha vida. Sem a sua força, acredito que não teria conseguido chegar até o fim de uma jornada e recomeço para muitas outras.

A minha família: minha mãe, Francisca, por ser exemplo de luta e sempre me ensinar a ser forte e a lutar pelos meus sonhos incansavelmente, me dando incentivo e ajudando em tudo o que foi preciso e estive ao seu alcance. A meu pai, que não está mais entre nós, mas, com certeza, não posso deixar de citá-lo. A minha vó materna, D. Francisca, a meus tios, Felipe e Luzia, pela força dada em momentos difíceis. A minha prima, Marcília, por todas as vezes que me encorajou nas batalhas diárias, a minha sobrinha Nicole, luz em nossas vidas. A meus professores e, hoje, colegas de trabalho, por serem exemplos na minha vida.

Também quero agradecer a todos os meus colegas de classe, desde os mais distantes aos mais próximos: Polyanna, Leyson, Daniele, que sempre estiveram ao meu lado nas discussões feitas em sala e nos trabalhos em grupo. Agradeço a Maria Aldeizy, pelo companheirismo e pela disposição em sempre me estender a mão quando preciso. Em especial, agradeço a Fran (Francielly) por sempre estar à minha disposição, por me abrigar em seu lar todas as vezes que precisei, por nunca me negar um favor, por me acompanhar nos lanches das tardes, por, muitas vezes, tomar as minhas dores. De fato, somos muito mais que colegas, a história nos uniu para sempre.

Obrigada a Mayandson, pelas trocas de experiências e conselhos nas horas vagas. A UEPB me fez enxergar a pessoa bacana que você é, tenho certeza que, mesmo fora dela, a amizade e as boas conversas vão continuar.

Obrigada Havaniele, ou simples Havani, por todas as vezes que fomos sustento uma da outra. Foi muito bom cruzar com você através do PIBID.

A minha amiga e irmã, Danny, aquela que sempre ouve meus abusos e está do lado na alegria e na tristeza, que Deus abençoe você e toda a sua família, que é a minha também, minha grande amiga!

A Zé Carlos, por nunca dizer não, mesmo tendo tantas coisas para fazer, obrigada pelo tempo gasto comigo, por sua atenção e compreensão nas correções dos meus trabalhos.

Aos meus amigos (as) de longas datas: Valéria, Paula, Rosana, Lidiane e Joelson Freitas. Acreditem, eu nunca vou esquecer-me de vocês. Mesmo a vida tendo nos dado destinos diferentes, nunca deixaram de me incentivar e me apoiar.

Agradeço à Secretária de Educação da minha cidade, Dra. Solange Gomes e ao Prefeito, Dr. Edmilson Gomes, por nos ceder o ônibus para irmos todos os dias a Guarabira. Sem a ajuda de vocês, não seria possível a realização desse sonho.

A seu Naldo, obrigada por tamanha paciência e por sempre esperar nas horas que precisei. Motorista como o senhor é luxo.

A todos os professores doutores que passaram por minha vida acadêmica, em especial a Susel, Edna, Elson, Azemar, Michelly, Naiara, Alômia, Flávio, Fagundes e Fábio, por toda a atenção e amizade ao longo do curso.

Agradeço à professora Doutora Marisa Tayra, que, por motivos maiores, não pode estar aqui para me orientar ou fazer parte da banca, obrigada pelo carinho diferenciado e por todos os conselhos dados nos momentos de fraqueza. Deixou saudades eternas entre nós.

E, por fim, agradeço a minha querida orientadora, que se dispôs a me ajudar no desenvolvimento deste trabalho. Agradeço por todas as vezes que pegou no pé, me ligando e cobrando de mim. Obrigada pela paciência.

O CURRÍCULO ESCOLAR: POR UMA ESCOLA ABERTA PLURAL

Aline Ferreira de Macêdo Silva¹

Resumo

Neste trabalho, apresento uma discussão sobre o currículo multicultural e as experiências que desenvolvi na oficina “Eu digo não ao Racismo”, desenvolvida em uma turma de 9º ano em uma escola localizada em Cacimba de Dentro/PB, que denominarei aqui de Escola A, para preservar sua identidade e de todos que a compõem. A oficina, aqui apresentada, fora inspirada em uma experiência que vivenciei ainda quando aluna do Curso de Estágio, na disciplina de Estágio Supervisionado I. Para a elaboração deste trabalho, alguns textos foram relevantes, cito aqui Ana Canem (2002), Tomaz Tadeu da Silva (1993), Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2004), Nayda Araújo Castro e Vanda Sá Barreto (1998), Francisca Socorro Araújo (2007).

Palavras-chave: Multiculturalismo, Currículo, Relações étnico Raciais.

Abstract

This present work discuss about multicultural curriculum and experiences that i was lived in a workshop, whitch title is: “I say, not to Racism” develop in a class of 9 year in the school in Cacimba de Dentro Pb, and i describe in here of school A, to preserve it identity and them all. This activity is based when I was a student of the stage of course in discipline of stage supervised 1. For the elaboration of this work some texts were relevant I quote in here: Ana Canem (2002), Tomaz Tadeu da Silva (1993), Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2004), Nayda Araújo Castro e Vanda Sá Barreto (1998), Francisca Socorro Araújo (2007).

Keywords: Multiculturalism, curriculum, racial ethnic relations.

¹ Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. E-mail: alinefer_cd@hotmail.com.br

INTRODUÇÃO

Este texto é composto por dois tópicos, o primeiro, o ponto 1.0, trata de uma discussão mais teórica sobre o currículo escolar, voltado para uma perspectiva mais plural, com foco sobre mulheres, índios, negros, entre outras minorias, no próprio currículo escolar. No ponto 1.1, falo um pouco sobre o currículo na perspectiva das relações étnico-raciais. No segundo tópico, volto minha atenção, sobretudo para a oficina. No item 2.0, descrevo rapidamente a escola onde ocorreu a mencionada oficina. No item 2.1, descrevo um pouco sobre os alunos e, finalmente, no item 2.2, falo mais detalhadamente sobre a oficina denominada “Eu digo não ao Racismo”, cujo principal objetivo era fazer os alunos refletirem sobre o preconceito racial.

1. O multiculturalismo na escola

A sociedade contemporânea é inegavelmente multicultural. Nela, as diferenças são diversas, como classes sociais, gênero, etnia, orientação sexual, culturas e religiões, entre outras. Toda essa dinâmica se expressa nas distintas esferas sociais. De acordo com Assis, “O multiculturalismo é a valorização da diversidade cultural eliminando preconceitos e estereótipos construídos historicamente.” (2003, p. 65). Multiculturalismo representa, portanto, uma condição de vida do mundo Ocidental, a qual se pode responder de diferentes formas. Na visão de Araújo, o multiculturalismo define-se como:

O reconhecimento das diferenças, da individualidade de cada um. Daí então surge a confusão: se o discurso é pela igualdade de direitos, falar em diferenças parece uma contradição. Mas não é bem assim. A igualdade de que se fala é igualdade perante a lei, é igualdade relativa aos direitos e deveres. As diferenças às quais o multiculturalismo se refere são diferenças de valores, de costumes etc., posto que se trata de indivíduos de raças diferentes entre si. (ARAÚJO, 2007, p. 2)

Araújo conceitua o multiculturalismo como um reconhecimento da diversidade cultural, através de uma luta constante por igualdade de direitos e deveres, considerando principalmente as diferenças que existem em um dado espaço, seja ele escolar ou não. Neste contexto, marcado pela pluralidade de culturas, cabe à

escola e ao currículo assumirem também uma postura de educação multicultural que possa desenvolver sensibilidade para a pluralidade de valores.

O multiculturalismo pode ainda ser pensado como uma forma de resgatar os valores culturais ameaçados, de modo a garantir a pluralidade cultural. Nesse sentido, o currículo multicultural pretende diminuir o preconceito e as discriminações na sociedade. Não percebemos, mas a diversidade cultural está muito presente até mesmo dentro dos nossos lares, nos lares dos nossos vizinhos e, assim, está presente em nossas vidas. Não temos mais como fugir dessa realidade, tampouco, como profissionais da educação, podemos fechar nossos olhos diante da necessidade de uma educação multicultural.

É uma causa que todos os docentes dentro de uma escola contemporânea devem defender. É responsabilidade de todos no esforço por tornar o mundo menos injusto e sem opressão, pelo menos tentar diminuir tantas injúrias e preconceitos contra grupos minoritários, como negros, gays, gordos, velhos, entre outros sujeitos discriminados na sociedade. Com o apoio de todos na escola, seria possível uma educação multicultural, de modo a propiciar a contextualização e a compreensão do processo de construção das diferenças e das desigualdades.

Sabemos que não é fácil enfrentar esse desafio na educação contemporânea, visto que muitos docentes, na maioria das vezes, não estão preparados para essas discussões. Ainda é muito comum o preconceito por parte dos próprios professores contra aqueles alunos que se assumem gays, por exemplo. Logo, percebe-se que é preciso preparar a todos dentro da escola, desde o porteiro, merendeiras, diretores, professores e alunos.

No contexto da diferença, incluem-se, então, os atos que têm classificado e oprimido indivíduos e grupos, silenciando suas vozes e suas histórias, tornando-os excluídos, pois estão fora dos padrões estabelecidos como referência. Nessa perspectiva, a produção do diferente é uma construção que o designa como anormal. Logo, a diferença pode e deve ser desafiada, em movimentos que visem exclusivamente à promoção e à aceitação daqueles que não se enquadrarem nos padrões eleitos como corretos, pois “as pessoas têm direito a serem iguais sempre que as diferenças as tornarem inferiores; contudo, têm também direito a serem diferentes sempre que a igualdade colocar em risco suas identidades.” (Boaventura de Souza Santos, 2000).

Na escola, uma das formas de tentar combater o preconceito carregado e reproduzido durante tantos anos pela sociedade é rever o currículo escolar, e modificá-lo mediante as novas propostas que a educação multicultural vem nos oferecendo. Neste caso, é preciso criticar o currículo tradicional que descarta as várias pluralidades culturais e supõem modelos totalitários, verdades inquestionáveis e neutras. Nos anos 70, os marxistas passaram a criticar e mostraram que o currículo não era neutro:

A noção de currículo, com artefato meramente técnico, neutro, foi desafiada particularmente pela teorização crítica, que evidenciou as relações de poder à base das escolhas curriculares e da seleção de conhecimentos escolares. Apontou para a presença de vozes ligadas as camadas dominantes da sociedade e para o silenciar daquelas economicamente marginalizadas. Buscou pesquisar formas pelas as quais a escola reproduziu a desigualdade social, mas também espaços de resistência e de busca de transformação. (CANEN, 2002, p. 177)

Todavia, a perspectiva multicultural defende uma visão de mundo mais plural e aberta, que percebe as diferenças culturais entre os diversos grupos.

Considerando a intensa presença da diferença em nossa sociedade e em nossas escolas, podemos nos questionar a respeito da forma como os docentes lidam com essas diferenças de cultura. Como se busca compreender o processo de construção dessas diferenças? Que respostas se têm dado a toda essa diversidade envolvendo a nossa sociedade? Que propostas os docentes vêm trabalhando para enfrentar esses desafios na escola, especificamente nas salas de aulas? Como se tem procurado elaborar os currículos escolares, visando à pluralidade?

Nesse esforço, vem se tentado acumular conhecimentos que possam oferecer melhorias para a adoção de uma postura multicultural nas escolas e em salas de aula. Nesse sentido, o multiculturalismo pode ser praticado nas escolas, partindo do interesse e preparação para construir um mundo mais justo e humano.

Quando cada professor faz sua parte, podemos, aos poucos, obter resultados significativos e de grande importância na vida dos que se sentem excluídos da sociedade. Para isso, foi importante o desenvolvimento de estudos que tivessem uma compreensão das teorias, práticas e propostas pedagógicas curriculares, que evidenciassem a preocupação com o plural, o diverso. Podemos, então,

compreender que o currículo deve ser pensado visando à realidade de cada escola e do público que ela recebe, marcado pela diversidade.

Em geral, as escolas passam pelos mesmos desafios, e tendem a fracassar por pensarem apenas no conhecimento a ser transmitido, enquanto esquecem que o currículo está envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos ao longo do tempo, suscitando questões de identidade e subjetividade. Além de ser uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidades. (SILVA, 1993.)

É preciso que o professor esteja comprometido com uma proposta de visão plural e democrática. Somente assim, a escola torna-se capaz de formar indivíduos menos conformados, engajados na luta contra os diversos tipos de opressão, não só de classes, mas também identitárias. A escola é um espaço público onde se produzem significados e identidades. Nesse espaço, novos tempos podem ser anunciados.

Ademais, são muitos os desafios postos à escola, havendo a necessidade de uma maior participação docente no movimento que pretende criar uma escola reestruturada em termos de currículo e conhecimento, uma escola aberta à diversidade cultural.

1.1 O Currículo e as Relações Étnico-Raciais

Durante muito tempo, acreditou-se que o Brasil, conhecido por uma grande diversidade étnica e cultural, era um país onde brancos e negros conviviam harmoniosamente, sem preconceito e discriminação relacionados à cor e à raça. Nessa perspectiva, a democracia racial promovera a base das relações no contexto social brasileiro, com igualdade de oportunidades, seja para brancos, negros ou mestiços.

No entanto, a desigualdade, o preconceito, a discriminação e a exclusão social em relação aos negros permeiam ainda hoje a sociedade brasileira. E ainda são frequentes os casos de preconceitos raciais no cotidiano dos brasileiros.

Para isso, serve o multiculturalismo, no sentido de nos fazer repensar sobre as nossas práticas, nos incentivando a eliminar toda forma de preconceito existente dentro da escola, e, conseqüentemente, levada para fora dela.

O preconceito étnico-racial é uma construção social, que, na maioria das vezes, é reproduzida pelos pais dentro de suas próprias casas, nas ruas, nas

praças, enfim, na sociedade. Não cabe somente à escola permitir que os preconceitos e discriminações não sejam mais perpetuados, mas, cabe também à sociedade refletir sobre seus atos com as pessoas que estão fora dos padrões sociais.

Trabalhar esta questão no contexto escolar é rever as práticas educacionais e atitudes, é também oferecer aos alunos oportunidades para que possam buscar as origens de suas identidades, valorizando suas próprias culturas, promovendo a autoestima.

Desse modo, o multiculturalismo não está interessado em manter uma discussão folclórica, comemorações de datas cívicas, ou apenas em discutir a questão dos afrodescendentes em um único dia, o Dia da Consciência Negra. Mas, busca sair dessa postura, na qual as escolas continuam centradas, e inserir, no currículo escolar, outra forma de pensar e agir no dia a dia diante de toda a diversidade étnico-cultural existente nos espaços escolares.

No que diz respeito ao preconceito étnico-racial no Brasil, a maioria dos excluídos são constituídos por grupos que são considerados como não brancos, numa sociedade regida por um paradigma branco, na qual as minorias, como os negros, vêm sendo marginalizadas e interpretadas como pessoas pobres, feias, criminosas, entre outras atribuições depreciativas.

Esta leitura é fruto do preconceito racial que está em toda parte, inclusive dentro da escola, portanto, é fundamentalmente indispensável a reflexão sobre esse tema nas instituições escolares. Visando corrigir este tipo de preconceito, foi criada, em janeiro de 2003, a lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade de incluir, nas diretrizes de bases nacionais, conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira.

O que se observa é que, mesmo com a aprovação da lei, muitas escolas fogem desse tema, e não procuram trabalhá-lo em sala de aula. Um dos motivos é porque alguns livros didáticos não se adaptaram ainda à nova proposta de lei curricular, entre estes, cito Projeto Araribá História, cuja editora responsável é Maria Raquel Apolinário, edição 2010.

Mas não precisamos esperar pelos livros didáticos se nós temos a consciência de que devemos pensar num currículo que dê visibilidade às minorias, às culturas negadas. Apesar de o afrodescendente ser a maioria na sociedade, e de suas lutas e conquistas, ainda têm muitos desafios a serem enfrentados. Cabe,

portanto, à instituição escolar incentivar, cotidianamente, a abordagem em sala de aula para que os valores dos afro-brasileiros possam ser reconhecidos e respeitados por todos os alunos e demais membros da sociedade.

Buscando acionar uma postura compatível com a perspectiva curricular mais aberta, apresentei, para alunos do nono ano, da Escola A, a oficina “Eu digo não ao Racismo” para valorizar a cultura afro-brasileira e buscar quebrar modelos que elegem o branco como padrão de referência, e, ao mesmo tempo, valorizar a cultura deixada pelos afrodescendentes, suas lutas, enfim, suas histórias.

As reflexões e discussões desenvolvidas nesta oficina serviram de base para à elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Minha iniciativa em realizar tal oficina foi devido às várias situações conflituosas que ocorrem dentro da escola. Em geral, tenho presenciado situações de preconceito em relação aos negros, mulheres, homossexuais, entre outros. Assim, resolvi trabalhar a questão étnico-racial, devido à importância desse tema na escola e na sociedade brasileira.

2. A escola: palco da oficina

A Escola A, localizada no Distrito de Logradouro, no município de Cacimba de Dentro/PB, é uma instituição de fácil acesso aos alunos e profissionais que fazem parte dela.

De acordo com o que se observa, a direção da escola não mantém boas relações com os pais dos alunos, que não procuram saber a situação dos seus filhos na instituição. Dificilmente, uma mãe aparece para saber do seu filho. Elas só vêm à escola quando são chamadas pela direção. Mesmo assim, a escola proporciona reuniões bimestrais regulares, e dispõe de uma equipe de profissionais, cuja maioria é formada em pedagogia e estão efetivados para ensinarem na primeira fase, outros têm apenas o magistério.

O corpo de funcionários é composto por uma gestora escolar, um vice-diretor, uma supervisora pedagógica, quatorze professores no turno da tarde e nove professores no turno da manhã, totalizando 23 professores, sendo a maioria destes do quadro efetivo. Há ainda quatro auxiliares de limpeza, quatro merendeiras, dois vigias e um porteiro.

A estrutura da escola oferece sete salas de aula, uma sala para secretaria, uma sala de professores, uma biblioteca, uma sala de jogos, uma quadra de

esportes (que também funciona como área de recreação). Os alunos e alunas matriculados no Fundamental II moram na zona rural. As salas de aula são amplas e comportam, em média, 35 alunos, com idades entre 13 e 17 anos.

As acomodações do espaço escolar são regulares, apesar das salas de aulas serem amplas e bem iluminadas, faltam bons ventiladores, que não façam barulho atrapalhando a aula. A escola está localizada em um lugar que não é arborizado e as salas são do lado do sol, o que as deixam bastante quentes, notadamente durante a tarde. Este aspecto estimula a dispersão dos alunos que querem ir o tempo todo beber água.

A escola desenvolve atividades pedagógicas, como gincanas, mostras de ciências, projetos de leituras e projetos das principais datas comemorativas, como o dia da Páscoa, o dia das mães, festividades juninas, dia da consciência negra, entre outros, que acontecem uma vez por ano. Para a realização das atividades cotidianas e extraclasse, são feitos planejamentos bimestrais para todas as disciplinas com os professores e supervisora.

A escola conta ainda com os recursos materiais, como TV, DVD, aparelho de som, notebook e data-show à disposição dos professores. Esses recursos tecnológicos se mostram relevantes para a melhoria das aulas, tornando-as mais atraentes e aproximando os alunos das novas tecnologias de maneira qualitativa. Dessa forma, promove o estímulo ao desenvolvimento da aprendizagem dos discentes.

Ademais, esta escola, como tantas outras, é também um espaço marcado pelo preconceito, tanto de gênero como étnico e sexual. Já presenciei alunas serem tratadas, por colegas do sexo masculino, de forma pejorativa, por não serem mais virgens. Enquanto, meninos não sofrem nenhuma retaliação por já terem feito sexo. Outro tipo de preconceito muito frequente é o que diz respeito à cor da pele, como, por exemplo, “oh negrinha atrevida”. O próprio porteiro da escola é negro e já presenciei muitos xingamentos em relação à cor da sua pele, como: “aquele macaco não é de nada, tem que deixar nós sair”, “oh negrinho feio”, “Todo negro gosta de aparecer nessa escola”, entre outros. Assim, é comum meninos/as negros/as e outras pessoas também negras serem alvos de piadas ou comentários preconceituosos. Ainda testemunhei situações de homofobia, muitas das quais acionadas não só por alunos, mas também por professores. Vi um professor

imitando o jeito de andar de um aluno, que, a meu ver, ainda não sabe, de fato, qual é a sua verdadeira identidade sexual, mas o professor o chamou de “bichinha”.

Por estas razões, me interessei em acionar uma experiência que vivenciei, ainda quando aluna do Curso de História, em 2013. Na ocasião, foram realizadas várias oficinas por alunos que estavam matriculados no Estágio Supervisionado I. Em regra geral, essas oficinas discutiram questões relacionadas ao dia a dia dos estudantes escolares.

2.1 Sobre a turma

A oficina ocorreu em uma turma de 9º ano, composta por alunos de ambos os sexos. Alguns moram próximos à escola, outros moram em sítios vizinhos e carregam toda uma rotina diária. Apesar de a escola estar localizada em um pequeno distrito, os estudantes apresentam questões muito próximas daquelas vivenciada por jovens que moram na cidade. Assim, eles falam de sexo, namoro, televisão.

Nesta turma, estão matriculados 28 discentes, e 27 frequentam regularmente. Entre estes, dois são repetentes. A maioria, infelizmente, não está na escola para aprender. Pois, são poucos os que realmente se interessam e se preocupam em fazer as atividades, exceto em tempos de prova. Bastante agitados e barulhentos, falam alto e nunca estão dispostos, reclamam de tudo.

2.2 Sobre a oficina: “Eu digo não ao Racismo”

No dia 05 de Maio de 2016, por volta das 16 horas, iniciei a oficina com o tema relacionado à diversidade cultural, que pode ser trabalhada em uma aula de história. Comecei a atividade apresentando o tema para a turma, pedi que todos prestassem atenção, para que, quando fosse aplicar a atividade, não tivessem dúvidas. Comecei com uma pequena introdução, falando que ia abordar na oficina as seguintes questões: o racismo; consequências do racismo; o que leva ao racismo; carta dos direitos; racismo no emprego; racismo na escola; como acabar com o racismo.

Expliquei qual seria o meu objetivo ao levar esse tema para a turma: promover a compreensão do que é racismo, já que o mesmo tornou-se um problema

social e cultural grave e foco das várias discussões e que pode trazer consequências para quem é vítima do preconceito e discriminação racial. Para fundamentar a apresentação, usei, como referências, os textos de Antônio Sérgio e Alfredo Guimarães, “Preconceito e Discriminação: Queixas de ofensas e tratamentos desiguais dos negros no Brasil” (2000) e Trabalho e Desigualdades Raciais: negros e brancos no mercado de trabalho em Salvador de Nadya Araújo Castro e Vanda Sá Barreto (1998). Com base nessas leituras, busquei mostrar para os alunos as barreiras pelas quais os negros tiveram que passar até chegar a conquistar a liberdade que eles têm hoje, muito embora, a luta ainda continue por causa do racismo que os impede de levar uma vida com mais dignidade.

Perguntei aos alunos o que eles entendiam por racismo, rapidamente eles responderam que é “o jeito de falar, o cabelo, a cor, o jeito de ser.” (alunos). Perguntei se eles já haviam identificado o racismo em seu cotidiano, e eles responderam que sim, “quando dizem que meu cabelo é pixain”. (aluna W.).

De acordo com Antônio Sérgio e Alfredo Guimarães, racismo é:

“...em primeiro lugar, é referido como sendo uma doutrina, que se queira científica, quer não, que prega a existência de raças humanas, com diferentes qualidades e habilidades, ordenadas de tal modo que as raças formam uma gradiente hierárquico de qualidades morais, psicológicas, físicas e intelectuais... Além de doutrina, o racismo é também referido como sendo um corpo de atitudes, preferências e gostos instruídos pela a ideia de raça e superioridade racial, seja no plano moral, estético, físico ou intelectual.” (2004, p. 17)

Dessa forma, o racismo é a tendência de um modo de pensamento, no qual se dá importância à noção de existência de raças humanas distintas e superiores umas às outras. Assim como a convicção de alguns indivíduos que suas características físicas hereditárias, e determinados traços de caráter e inteligência ou manifestações culturais, são superiores a de outros.

Desse modo, é mais um conjunto de opiniões pré-concebidas quando a principal função é a valorização das diferenças biológicas entre os seres humanos, em que alguns acreditam ser superiores aos outros de acordo com suas características genéticas. E a partir daí valorizar suas culturas, suas histórias, seus códigos, bem como sua forma de pensar.

Essa superioridade dos brancos sobre os negros traz muitas consequências na vida daqueles que estão sendo discriminados. As consequências do racismo

podem levar à exclusão das pessoas devido ao seu patrimônio genético: “Discriminação Racial consiste no tratamento diferencial de pessoas baseado na ideia de raça, podendo tal comportamento gerar segregação e desigualdade racial.” (Antônio Sérgio e Alfredo Guimarães, 2004, p. 18).

Apresentei um slide, no qual aparecia a imagem de pessoas negras, e pedi para que os alunos analisassem aquela imagem, que acompanhava a seguinte frase: “O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem caráter, nem dos sem-ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons.” (Marthin Luther King). Os negros sofrem preconceitos e discriminações, mas a maioria permanece em silêncio, apesar das conquistas, inclusive no campo legislativo, que pune o preconceito racial.

Mas, o que leva ao racismo? Além da cor da pele, o tamanho dos lábios, o tipo de cabelo, tem também as diferentes culturas, as diferentes religiões e os diferentes costumes que levam ao racismo. Não sabemos respeitar o outro com as diferenças de vida que eles trazem desde seu nascimento, mas queremos ser respeitados. Queremos que respeitem a nossa religião, nosso modo de pensar, de agir, nosso físico, mas, muitas vezes, somos racistas e desrespeitamos a cultura do outro, diferente de nós. Os alunos citaram a “macumba”, como exemplo de religião dos afrodescendentes. Neste momento, percebi atitudes racistas por parte dos alunos, pois eles falaram que é “coisa do mal”.

Ao tentar defender, eles disseram que eu gostava dessas coisas com tom de preconceito sobre mim. Expliquei que eles estavam tendo atitudes preconceituosas, e que isso se baseava em conceito prévio sobre a religião dos afro-brasileiros. Pois, quando não se tem conhecimento de algo, temos um conceito pré-definido. Não conhecemos a religião, mas a criticamos, dizendo que é coisa de negro e, por isso, não é uma coisa boa. Desta forma, estamos reproduzindo o preconceito.

De acordo com a constituição Brasileira de 1988, Art. 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.”

Nossa lei consagra a ideia de igualdade de todos os seres humanos, independente de raça, religião, nacionalidade, idade ou sexo, mas será que realmente somos todos iguais? Se fossemos todos iguais, não existiria tanto preconceito e discriminação no Brasil, principalmente o racismo não seria o foco de

tantas discussões. Continuei falando sobre a situação dos afro-brasileiros no mercado de trabalho e nas escolas. Conforme Araújo Nayda, em vários setores da sociedade, é praticado o preconceito:

“Apesar de ser antiga e amplamente disseminada em todo o mundo a imagem do Brasil como uma democracia racial, acadêmicos, imprensa e público em geral reconhecem hoje que os brasileiros de pele mais escura continuam sofrendo os efeitos da discriminação racial nos locais de trabalho, nas escolas, no sistema de saúde público e na vida política.” (Nayda Araújo e Vanda, 1998, p. 9)

Isto significa dizer que boa parte dos trabalhadores negros está ocupando cargos não qualificados no mercado de trabalho. De acordo com uma pesquisa do G1 em São Paulo, o trabalhador negro recebe, em média, um salário 36,1% menor que as pessoas de cor branca, independentemente da qualificação. A pesquisa ainda afirma que a diferença salarial e de oportunidades de trabalho entre brancos e negros são ainda maiores em cargos de chefia.

São duas as principais causas relacionadas à discriminação no trabalho. Primeiro, vem a discriminação no acesso ao trabalho, o que faz com que os negros ocupem as funções mais desqualificadas. Em segundo, a discriminação na falta de “promoção” de cargo, o que dificulta os negros e, muito mais, as mulheres negras ao acesso a cargos de direção e melhorias saláris. Neste último caso, o preconceito é contra negras e mulheres.

Sobre o racismo na escola, é importante ressaltar que as crianças não são consideradas racistas e preconceituosas, não têm noção das diferenças e veem todas as outras crianças com igualdade. Mas, a partir das experiências socioculturais, elas aprendem a reproduzir o discurso dos adultos e, conseqüentemente, elas terão grandes chances de se tornar pessoas racistas quando adultas, tal como seus pais ou familiares.

Cabe aos pais o papel de educar seus filhos em casa, e, na escola, cabe exclusivamente aos professores ensinar às crianças que todos temos os mesmos direitos e deveres, não há superioridade nem inferioridade de raças entre as pessoas. Apenas assim, o racismo começa a ser combatido.

Os alunos trazem consigo conhecimentos que aprendem no seu cotidiano, isto é, fora da escola, isto implica dizer que, numa sociedade como a nossa, marcada pelo preconceito racial, muitos alunos aprendem a ser preconceituosos em

casa, nas ruas, nas brincadeiras, entre outros espaços. Daí a importância de se trabalhar o racismo na escola. Pois, se as crianças já trazem consigo os discursos reproduzidos pelos adultos, a escola é o lugar próprio para o questionamento e desconstrução das ideias pré-estabelecidas sobre os afrodescendentes.

Depois que comentei sobre essas questões, apresentei para os alunos dois grandes exemplos e símbolos de luta contra o preconceito racial. O primeiro, Martin Luther King Jr. (1929-1968), que foi um grande ativista político Norte-Americano, membro da igreja batista, se tornou um dos mais importantes líderes na luta pelos os direitos civis, tanto lutava pelos os direitos dos negros, quanto pelos os direitos das mulheres negras. Não só nos Estados Unidos, mas no mundo inteiro, ele se tornou referencial através de uma campanha de não violência e de amor para com o próximo.

Foi a pessoa mais jovem a receber o prêmio Nobel da Paz em 1964, pouco antes de ser assassinado em Memphis por um branco que foi condenado a 99 anos de prisão. O discurso que marcou a sua trajetória de vida é lembrado por todos, como um grande sonho que ele tinha de vê todas as raças unidas e todos sendo amados pelo o que são, sem distinções.

Outra pessoa que se destacou por suas lutas e desejos foi Nelson Mandela, nascido em Qunu, em 18 de Julho de 1918. Nelson foi advogado, ex-líder rebelde e ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Dedicava a sua vida à luta pela liberdade dos negros. Como jovem estudante de Direito, Mandela se envolveu na oposição ao regime *apartheid*, o qual negava aos negros da África do Sul direitos políticos, sociais e econômicos.

Uniu-se ao Congresso Nacional Africano, conhecido no Brasil pela sigla portuguesa, CNA. Em 1993, recebeu o prêmio Nobel da Paz, pelos os esforços desenvolvidos no sentido de acabar com a segregação racial, na África do Sul. Aqui, o objetivo não era tornar Martin Luther King Jr e Nelson Mandela dois heróis, mas mostrar que os negros também fazem a história, defendem direitos e podem ocupar cargos extremamente relevantes, como o de presidente, ganham prêmios, entre outras conquistas, são pessoas que dão orgulho aos seus descendentes.

Além disso, temos, no Brasil, histórias de negros e negras que também foram símbolos de luta e resistência: Zumbi dos Palmares foi o último chefe no movimento conhecido como Quilombo dos Palmares, lutou contra a escravidão e tornou-se um símbolo de resistência na luta contra todas as injustiças sofridas pelos negros.

Temos também Chica da Silva, personagem conhecida em novelas e minisséries, escrava que pôde comprar sua alforria através do rico contratador João Fernandes e a fez desfrutar de todos os luxos que uma mulher branca podia ter no período do ciclo do ouro no Brasil.

Para finalizar, coloquei, em *slide*, três questionamentos: No primeiro, pedi para os alunos pensarem em uma pessoa linda, importante, elegante e culta, depois que dei um minuto para eles pensarem, perguntei se era uma pessoa negra, e a maioria foi sincera e disse que não, que imediatamente os perfis que veio à mente deles foram pessoas brancas.

Na segunda imagem, tinha duas mulheres, ambas bem vestidas, perguntei qual das duas tinham o maior salário, responderam que as mulheres brancas ganhavam mais, e que isso era muito injusto.

Na terceira imagem, perguntei se o negro é uma pessoa suspeita. Alguns responderam que sim, outros responderam que não. E citei um caso que vi no programa do CQC, exibido no dia 09 de novembro de 2015, tratava-se de um teste que foi feito com dois rapazes, um branco e um negro, ambos tentavam abrir a porta de um carro. O branco, que era o verdadeiro ladrão, estava tentando roubar o carro, enquanto as pessoas passavam na rua e não percebiam. Quando o homem negro foi tentar abrir a porta do seu carro, ela estava travada e pessoas que passavam por aquela rua, ligaram para a polícia, denunciando-o por tentativa de roubo, ao chegar o policial constatou que o homem negro, que todos suspeitavam era o dono do carro.

Impressionante como as pessoas são racistas e preconceituosas. Até quando vamos continuar vivendo dessa forma? Até quando vamos ser ignorantes? Até quando, com nossas atitudes racistas, vamos fazer as pessoas negras passarem por constrangimentos em supermercados, nas ruas, lojas, trabalho, escola? Enquanto houver pessoas que não sabem respeitar as diversidades, viveremos nessa luta constante por respeito.

Depois de encerrar o slide com essa discussão, reproduzi um vídeo do CQC Ciência, sobre racismo. O vídeo apresentava teste com crianças e bonecas: uma branca e uma negra. Um teste de comportamento, inventado pelo psicólogo Americano negro, Kennedy Clark, fez estudos usando duas bonecas, em 1947. Uma boneca branca e uma boneca negra são mostradas para as crianças e feitas algumas perguntas para elas. O teste foi feito há 70 anos, nos Estados Unidos, e foi

refeito no Brasil com crianças brasileiras. O resultado não foi diferente. No teste, foram feitas as seguintes perguntas: “Se as crianças fossem ter um irmão qual das duas bonecas teria a cor do irmão?” “Qual das duas bonecas eles achavam mais bonita?” “Qual das duas bonecas se parece com uma princesa?” “Qual das duas bonecas é a mais mal criada?” As bonecas brancas foram preferidas ou apontadas pelas crianças de forma mais positiva.

Mas, de acordo com o psicólogo Hugo Lana, as crianças não são consideradas racistas, mas o meio em que elas vivem influencia para que elas se tornem futuras pessoas racistas. Ainda conforme a perspectiva deste psicólogo, a solução é trabalhar a diferença racial na escola e também em casa, muitas crianças não convivem com pessoas negras e até mesmo as crianças negras não têm bonecas negras em casa.

Depois do vídeo, entreguei algumas frases para que os alunos pudessem comentar e refletir a partir do que eles ouviram na oficina e assistiram no vídeo. As frases e os comentários de alguns alunos seguem abaixo:

“Enquanto a cor da pele for mais importante, haverá guerra”. (Boby Marley)
Comentário: “Que enquanto temos preconceitos contra as pessoas haverá desigualdade, haverá ignorância.” (WBB, aluna).

“O Racismo é a prova do quanto ainda somos primitivos.” (CJ, aluno)
Comentário: “É a prova de que ainda somos preconceituosos e desumanos.” (DM, aluna).

“Talvez o racismo aconteça, não só pela cor da pele, mas pela nossa cultura que vem crivada na selva de pedras.” (Stevie Wonder) Comentário: “O racismo não é só pela cor da pele, mas, além disso, é pela cultura de cada um, e também pela sua ação na sociedade só apenas uma aberração sem nem conhecer.” (GP, aluno).

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela a cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, pode ser ensinadas a amar.” (Nelson Mandela). Comentário: “ Eu acho que essa frase é uma frase que fala de aprendizado, ou seja, nós só colocamos em prática algo que sabemos, então por que não ensinar a amar para que não haja racismo, do que ensinar ódio que é um sentimento desagradável e que não traz coisa boa.” (G, aluno).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina foi realizada no intuito de levar os alunos a refletirem sobre o preconceito racial, no tempo passado e no tempo presente, sempre fazendo essa relação, para que eles percebam que o preconceito e a discriminação, muito embora tenha começado lá no passado, ainda está fortemente viva em nosso presente. O que esperamos é que alguns alunos sejam capazes de se afetar, no sentido de mudar os estereótipos arraigados em nossa sociedade com relação aos negros. Esperamos que verdadeiramente digam não ao racismo.

A oficina é uma ferramenta pedagógica de grande importância em um convívio escolar e traz ótimas contribuições no aprendizado dos alunos, porque permite que eles sintam, vivam, reflitam e, é claro, interfiram em sua própria realidade, pensem nos seus atos, se estão sendo corretos ou errados, isso os deixa menos passivos e mais ativos em suas práticas da vida, mais maduros e conscientes do que é certo ou errado, principalmente quando trazemos para a sala de aula temas que estão extremamente ligados à realidade, levando em consideração também quantos alunos presentes na oficina não vivem o preconceito na pele, cada olhar, cada palavra e gesto deixava claro isso, não só o preconceito racial, mas qualquer outro.

A oficina pedagógica é uma prática docente que dá certo, que flui bons resultados, mas que precisa ser pesquisado e analisado, com todo o cuidado para que, ao final, possamos todos sentir a satisfação e realização de uma prática que contribui para uma educação multicultural, que visa o convívio com diferenças culturais dentro de uma escola. Além de nos sentirmos desafiados, quando persistimos em algo que coopera na busca por mais conhecimento e proporcionando um ensino que olhe para as diferenças existentes na nossa sociedade.

Cabe aqui ressaltar a importância de se aplicar mais vezes as oficinas dentro das escolas e buscar mobilizar a todos os profissionais que trabalham nas instituições, para que o trabalho no combate ao racismo ou a qualquer tipo de preconceito tenha mais eficácia.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Francisca Socorro. **Multiculturalidade**. 2007. Disponível em <<http://www.infoescola.com/sociologia/multiculturalidade/>> Acesso em 02 Mar. 2013.

ASSIS, Marta Diniz Paulo de. **Os novos conteúdos, sinais de mudanças? Uma reflexão sobre a inserção dos conteúdos curriculares de história da África e cultura afro-brasileira a partir do multiculturalismo**. In: Cadernos de Educação. V.3/2003, p.65 – 80.

GONÇALVES, Luiz Alberto, SILVA, Petronilha B. G., (1998). **O jogo das diferenças, o multiculturalismo e seus conceitos e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica.

Trabalho e Desigualdades Raciais: negros e brancos no mercado de trabalho em Salvador / Nadya Araújo Castro e Vanda Sá Barreto, (Organizadoras), - São Paulo : Annablume, A cor da Bahia, 1998.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito de Discriminação** / Antônio Sérgio Alfredo Guimarães. – São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2004. 160 p.

Superando o Racismo na Escola. 2ª edição revisada / Kebengele Munanga, organizador. (Brasília) Ministério da educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CQC Ciência faz teste psicológico sobre racismo em crianças. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=29kzSogJESU>> Acesso em 03 mai. 2016.

Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em 06 mai. 2016.

Trabalhador negro ganha 36% menos que o não negro, diz estudo do Dieese. Disponível em: <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2013/11/trabalhador-negro-ganha-36-menos-que-o-nao-negro-diz-estudo-do-dieese.html>. Acesso em 06 mai. 2016.

Zumbi. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/biografias/zumbi.htm>> Acesso em 27 mai. 2016.

Chica da Silva. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/biografias/chica-da-silva.jhtm>> Acesso em 27 mai. 2016.